

Rasura oral e autonomia no processo de escritura

Eduardo Calil*

1 Introdução

Pretendo, neste texto, discutir o funcionamento das autonomias marcadas pelas rasuras orais¹ presentes no processo de escritura em ato do poema “Quem vem me salvar”, escrito por dois alunos que cursavam a segunda série do Ensino Fundamental. Tomarei como objeto de análise um fragmento registrado pela filmadora ao longo da conversação entre eles e da constituição do que será o manuscrito escolar, assumindo a perspectiva enunciativa aberta por Authier-Revuz (1995), em que todo dizer possui uma heterogeneidade que lhe é constitutiva; o que significa dizer que o sujeito encontra-se destituído do domínio de seu dizer e estruturalmente clivado pelo inconsciente (Lacan, 1966) e pelo interdiscurso (Pêcheux, 1983).

A heterogeneidade constitutiva é aquilo que escapa ao sujeito da linguagem, ou, como diz Authier-Revuz, “toda fala é determinada *fora* da vontade do sujeito” (Authier-Revuz, 1984, p. 26). Assumindo radicalmente a noção de dialogia formulada por Bakhtin (1963), ela entende o sujeito inscrito nesta relação de alteridade absoluta com a linguagem. A heterogeneidade constitutiva marca-se, na fala do sujeito, pelas não-coincidências que aí emergem: homonímia, ato falho, ambigüidade, mal entendido... tudo o que está do lado do não-um da comunicação. Trata-se de uma não-coincidência constitutiva do sujeito na linguagem.

Dizer isto supõe então que o sujeito funda-se nesta diferença, não havendo possibilidade de estar *fora* dela, nem de ter acesso a

* UFAL. eduardocalil@hotmail.com

¹ Análises mais detalhadas e extensas sobre a rasura oral podem ser encontradas em Felipeto (2003) e Calil (2003).

sua dimensão, nem ao seu funcionamento, a não ser pelas bordas, pelas frestas, pelos índices que escorregam do ato enunciativo.

2 Autônimias, modalizações e rasuras

A configuração metodológica delineada neste estudo sobre os processos de escritura em ato lança uma cor particular sobre algumas formas de não-coincidência do dizer, na medida em que ela favorece, através da reflexividade da linguagem, o fato autonímico que guarda um lugar de extrema importância no desvendamento deste processo criativo a duas vozes. Na reflexão autonímica “há um signo que se impõe como objeto, propulsionado à frente da cena (enunciativa) como ‘personagem’ ao qual o dizer faz referência, saindo aí de seu papel de engrenagem ordinária da maquinaria do dizer, condenado ao apagamento da realização de sua função ordinária de mediação.” (Authier-Revuz, 2003, p. 71).

O enunciado “você não viu o aviso ‘silêncio’ fixado na parede?” pode ajudar a explicar melhor este funcionamento. Nele há, como mostra Authier-Revuz, “um signo semioticamente complexo, cujo plano do significante é ele mesmo um signo [...] de significado homomorfo àquele do signo ordinário, tendo por significante este signo ordinário (significado e significante) que o permite de o referenciar” (op. cit., p. 72). Em outras palavras, a retomada do significante “silêncio” retira o signo “silêncio” de seu “uso” ordinário para fazer dele seu objeto de referência. Tem-se simultaneamente um “uso” e uma “menção” do signo lingüístico.

A modalização autonímica tem no fato autonímico um de seus elementos principais, sendo um dos vários fenômenos² que mostram o funcionamento heterogêneo da linguagem. A modalização traz “no nível da enunciação, o desdobramento de um dizer que [...] se dobra de uma representação deste dizer, no qual se fala de uma palavra” (Authier-Revuz, 2003, p. 73).

Este desdobramento releva de uma configuração enunciativa que inclui um retorno sobre o signo referido na enunciação e seu comentário. Apresento aqui outro exemplo que poderá ajudar a entender melhor este tipo de desdobramento:

O “buraco” em que o Du mora em Paris, para empregar a palavra que ele mesmo usa, é bastante pequeno, mas suficiente para uma só pessoa.” (Comentário de Cristina Felipeto, fevereiro, 2004)

² Segundo Authier-Revuz (1995) a “heterogeneidade mostrada” pode se manifestar através das aspas, do discurso direto, da citação, da ironia, das glosas meta-enunciativas, etc.

Há, nesta enunciação, o desdobramento de um dizer que fala simultaneamente da coisa “buraco” e fala da palavra “buraco”, ou seja, na modalização, o enunciador, além de usar o signo X (“buraco”), acrescenta ao uso desse signo um comentário reflexivo (“para empregar uma palavra que ele mesmo usa”), configurando um retorno sobre o dito e uma representação do dizer. Dentro de toda forma de modalidade autonímica manifesta-se a clivagem de um fato de recepção da enunciação, traindo o intervalo entre o enunciador e “suas palavras”, que são recebidas pelo próprio enunciador como separadas dele. É neste sentido que se pode dizer que na modalidade autonímica o signo é empregado e comentado ao mesmo tempo, mostrando uma não-coincidência do sujeito com seu próprio dizer. Esta não-coincidência – que afeta a posição de domínio e de intencionalidade “estratégica” do sujeito – deve ser elidida para que o sujeito se constitua como sujeito de linguagem. Esta elisão, este apagamento do não-um que atravessa o dizer do sujeito se dá através da função de desconhecimento – desconhecimento pelo sujeito de que sua representação do dizer seja da ordem do Imaginário, ordem em que o sentido ganha unidade e se estabiliza.

Nas análises que apresentarei, os retornos dos *scriptores* sobre aquilo que estão combinando com o objetivo de escrever um poema aproximam-se, através das autonomias e das modalizações autonímicas que ocorrem no fluxo da interação verbal, daquilo que Authier-Revuz chamou de “dialogismo interlocutivo imediato” (1995, p. 212-215). Este tipo de “dialogismo” caracteriza-se por uma glosa que testemunha o encontro com o dizer do outro, uma forma de recepção efetiva das palavras do outro, às quais se reage, retomando-as, em uma segunda ocorrência, sobre o fio de seu discurso (op. cit, p. 212).

Estas formas saídas das “retomadas em eco”, que Granier (2003, p. 218) analisa nos diálogos das peças teatrais de Marivaux, “funcionalmente permitem a designação da palavra do outro de se instalar em sua própria fala. [...] um ‘gesto’ discursivo que funciona como um índice co-textual, pois há uma ancoragem sobre um segmento do dizer do outro e uma retomada sobre um ponto da cadeia sintagmática” (op. cit.). Nesta configuração, as formas de não-coincidência manifestam-se a partir da relação entre os enunciados dos parceiros no processo enunciativo. Estas formas têm uma característica particular, na medida em que elas “tanto são endereçadas a uma estrutura em que não coincidem os dois interlocutores, quanto a um elemento X que é dado como ‘não sendo evidente’, dobrado por uma representação de sua enunciação que altera sua transparência” (Authier-Revuz, 1995, p. 163).

O breve diálogo abaixo poderá explicitar este funcionamento em que um elemento X, presente no enunciado de um interlocutor, se desdobra na representação da enunciação subsequente.

D. E.: O senhor ironiza sobre os "mestres do pensar": o senhor não acredita então que os intelectuais têm um papel a jogar na sociedade?

G. D.: Eu não gosto da palavra "intelectual". Eu nunca compreendi o que ela quer dizer. [G. Dumézil, *Entrevistas com D. Éribon*, p. 03] (Authier-Revuz, 1995, p. 182) (grifos meus).

O comentário reflexivo "eu não gosto ... nunca compreendi o que ela quer dizer" marca uma dupla não-coincidência: de um lado, a relação entre dois sujeitos não-simetrizáveis, de outro, o retorno do elemento X ("intelectual") que, ao se desdobrar, explicita sua diferença e aponta sua opacidade.

Granier (2003, p. 221) afirma que a retomada em eco pode ser um "índice mínimo de opacificação" que aceita a materialidade da fala do outro, marcando seu propósito e sua identificação, mas dela se diferenciando. Entretanto, a retomada e o comentário meta-discursivo não se pressupõem, na medida em que uma retomada pode ser somente uma repetição do termo sem estar acoplado a um comentário lingüisticamente registrado. O que não impede, certamente, que o comentário seja marcado entonacionalmente por uma ironia, um questionamento, uma estupefação, uma surpresa, etc.

Entretanto, diferentemente do *corpus* analisado por Authier-Revuz (1995) e Granier (2003), o dialogismo interlocutivo imediato que se configura nos processos de escritura em ato tem, na produção de um texto escrito, seu objeto final. No caso aqui analisado, um poema. A autonomia mobilizada através das rasuras orais e escritas, mais do que retirar um signo de seu "uso" ordinário, presente na fala do outro, fazendo dele um objeto do dizer, aponta para uma modalização em estado latente, ou, como diria Figueira³ (2003, p.:193), apesar dos enunciados dos alunos não apresentarem as estruturas morfossintáticas, como por exemplo, "conforme você disse", "no sentido próprio", "a expressão X é...", conservam um "ar de menção".

³ Vale apontar o trabalho de Figueira (2003), o qual analisa, também a partir dos trabalhos de Authier-Revuz, as glosas enunciadas por duas crianças de 2 a 6 anos de idade. Buscando mostrar a propriedade reflexiva da linguagem e a capacidade que têm as crianças nesta faixa etária em produzir autonomia Figueira classifica-as em quatro tipos: 1) retificações, réplicas; 2) palavras interditas; 3) definições; 4) comentários sobre casos de não-coincidência.

Estas rasuras indiciam, em última instância, um comentário reflexivo ou um comentário lingüístico sobre um signo, produzindo apagamentos, na medida em que, ao se negar uma formulação anterior, acrescenta aí algo a mais; um movimento paradoxal já detectado por Grésillon (1994) ao analisar as rasuras produzidas por escritores consagrados. Na rasura, o retorno do sujeito sobre o dizer e o escrito, visando reformulá-lo, refazê-lo, produz um apagamento da enunciação precedente e, ao mesmo tempo, traz um dizer que pode estar marcado pela modalização. Inseridos neste funcionamento, sujeito e sentido jamais escapam às não-coincidências que aí passam.

Sob este aspecto, associo algumas formas de rasurar e, particularmente, certas rasuras orais ao funcionamento meta-enunciativo da autonomia, sistematicamente descritas por Authier-Revuz, de sorte que as marcas de apagamento que, no escrito, podem indicar a substituição de um signo por outro, aqui se articulam às glosas de modalização autonômicas simplificadas, mas que têm, implicitamente, uma estrutura morfossintática complexa.

3 O manuscrito e as rasuras orais

Lembro que, enquanto traço escrito, a rasura apresenta alguma semelhança com a reformulação oral, na medida em que ambas caracterizam-se por um "retorno sobre" aquilo que foi dito ou escrito. A análise dos enunciados que marcam este "retorno", no processo de escritura em grupo de dois, deixa transparecer a opacidade do sentido através das manifestações orais e dos confrontos, imaginários, entre os interlocutores. A metodologia utilizada para a coleta de dados potencializa a não-coincidência do dizer neste processo enunciativo, na medida em que meu enfoque incide sobre os efeitos dos enunciados produzidos ao longo da interlocução que se consolidou em diferentes processos de escritura em ato, tendo sempre em vista seu ponto de chegada, a saber, o texto efetivamente escrito. Aqui, mais especificamente, analisarei as rasuras orais considerando as autonômias aí produzidas, alterando, delineando e explicitando as tensões, não entre os interlocutores, mas, prioritariamente, entre sujeito, língua e sentido daquilo que está sendo escrito.

Antes de analisar o jogo enunciativo entre os alunos, apresento o manuscrito escolar do poema "Quem vem me salvar" escrito por eles (Figura 1).

Valdemir e Maria são os dois alunos que combinaram e escreveram este poema. Sobre este manuscrito é preciso sublinhar o

paralelismo sintático fixado nas segunda e terceira estrofes, cujas construções são:

se a terra vem me salvar
eu tenho onde morar

se o céu vem me salvar
eu tenho onde voar

Após terem terminado de escrever esta terceira estrofe, Valdemir e Maria começam a combinar e escrever o que será a última estrofe:

SE O MAR VEM ME SALVAR
EU POSSO ME AFOGAR.

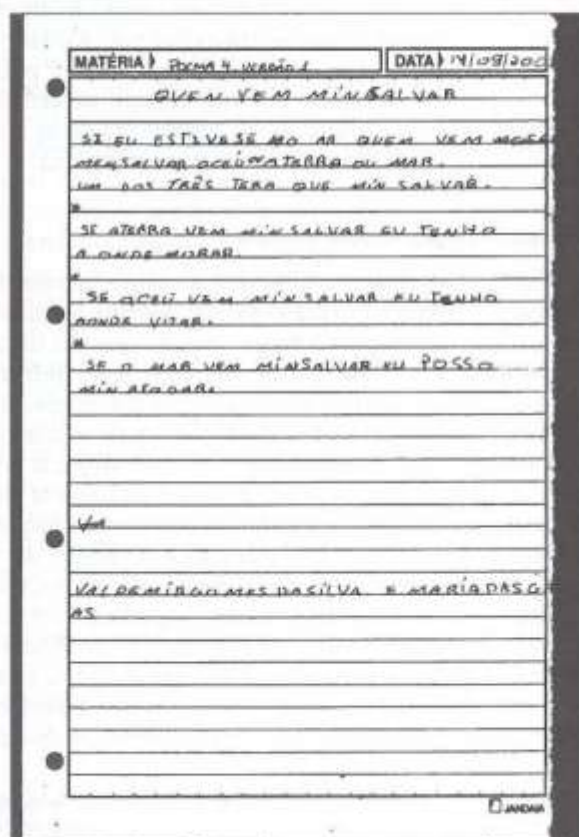


Figura 1: Manuscrito escolar do poema "Quem vem me salvar".

Abaixo segue o diálogo que servirá de base para minha análise.

FRAGMENTO 1

1. MARIA: "- Se o mar vem me salvar... eu quero me afogar... (DITANDO) se o mar..."
2. VALDEMIR: "- Vem me salvar... eu acho que vou me a... me afogar..."
3. MARIA: (BRAVA.) "- 'Eu acho' não! Eu quero me afogar..."
4. VALDEMIR: "- E afo... afogar como? O cara vai querer porque quer é?"
5. MARIA: "- É sim..."
6. VALDEMIR: (CONTRARIADO) "- Rhummm..."
7. MARIA: "- 'Eu acho'... 'acho'... fica feio..."
8. VALDEMIR: (ESCREVENDO.) "- Se[se]... o[o] ... mar[mar]... vem[vem]..."
9. MARIA: "- me salvar..." (VALDEMIR ESCREVENDO [min salvar])
10. VALDEMIR: "- eu posso até me afogar."
11. MARIA: (RECUSANDO.) "- Não."
12. VALDEMIR: (VALDEMIR COMEÇANDO A ESCREVER) "- Eu[eu]..."
13. MARIA: (EM TOM DE AMEAÇA.) "- Se você colocar Valdemir..."
14. VALDEMIR: "-...tô botando já... eu... po[pos]..."
15. MARIA: (AINDA EM TOM DE AMEAÇA.) "- Tá certo! Coloque..."
16. VALDEMIR: (PERGUNTANDO PARA MARIA) "- É com dois 'S' 'posso'? Posso[so]... mim..."
17. MARIA: (RECLAMANDO) "- 'Posso'... 'posso'... coisa feia! ...é sim..."
18. VALDEMIR: (IMITANDO IRONICAMENTE) "-...é sim... (CONTINUANDO A ESCREVER) ...posso me..."
19. MARIA: (EM TOM DE REPROVAÇÃO) "- 'Posso'! 'Posso'!"
20. VALDEMIR: (ESCREVENDO NA LINHA DEBAIXO) "- Me-[min]... aaaa[a]... é junto né? me afogar... 'me a'... é junto né?... me afogar. Me afogar é junto né?"
21. MARIA: (MARCANDO NA ENTONAÇÃO A SEPARAÇÃO) "- ...me... afogar..."
22. VALDEMIR: "- Me..."
23. MARIA: "- ...afogar..."
24. VALDEMIR: (ESCREVENDO [fogar]) "- Pronto, né?"

Observo que a palavra "até", apesar de fazer parte do texto oral, somente será acrescentada no manuscrito escolar quando Valdemir ler o poema para a professora, ao final da atividade.

Neste fragmento a articulação “mar/afogar” parece manter apagada a estrutura “eu tenho onde” que havia sido escrita anteriormente. Agora, emerge o verso “eu quero me afogar” (fragmento 1, Maria – turno 1). A irrupção de “quero” detona uma ligação semântica com o signo “afogar” que ameaça, para Valdemir, a unidade do verso, fixada pela inter-relação entre “mar” e “afogar”. É curioso observar como as relações associativas congelam o dizer.

Desenvolvendo um pouco mais esta assertiva, a associação entre “mar” e “afogar” apagam outros dizeres, produzindo o efeito de “única coisa possível de ser dita”. Uma forma de concretude imaginária em que estes signos adquirem a consistência de uma pedra. Em nenhum momento foi proposta a mudança de “afogar” por termos como “nadar”, “boiar” ou “navegar” que poderiam garantir também a unidade do poema tanto do ponto de vista paralelístico, quanto do ponto de vista semântico:

- se o mar vem	me	salvar
- eu <u>tenho onde</u>	me	<u>afogar</u>
- eu <u>tenho onde</u>	Ø	<u>nadar</u>
- eu <u>tenho onde</u>	Ø	<u>boiar</u>
- eu <u>tenho onde</u>	Ø	<u>navegar</u>

Qualquer um destes três últimos termos, além de manterem a rima com “salvar”, a unidade semântica com “mar” e preservarem a estrutura “tenho onde”, trariam como “vantagem” para a unidade do conjunto dos versos (“eu tenho onde morar” e “eu tenho onde voar”) uma conotação “positiva”, já que o termo “afogar” carrega o sentido de “morte”.

A dureza da articulação “mar/afogar” interfere na construção desta quarta estrofe. O primeiro verso “se o mar vem me salvar” permite a repetição que caracteriza tão fortemente este gênero textual. No segundo, o pronome de primeira pessoa “eu” e o verbo reflexivo “afogar” exigem a presença de “me”, que, ligado ao verbo transitivo direto pronominal “afogar”, mantém o paralelismo sintático como o mesmo pronome do verso anterior (“se o mar vem me salvar”).

Estas forças formam, no processo de criação deste poema, “pontos de ancoragem” em que uns termos ganham maior imobilidade do que outros. Estes “pontos de ancoragem” identificam-se nas estruturas sintáticas, rítmicas e paralelísticas desta configuração discursiva, assim como à coloração semântica dos termos que vão sendo ditos e congelando-se enquanto possibilidades. É por esta razão que “eu quero me afogar”, ao contrário de “eu tenho

onde morar” e “eu tenho onde voar” - mesmo que possa haver alguma semelhança entre as formas “tEnhO” e “quErO” -, traz uma carga “negativa” para o sentido do verso, em que se escuta uma contradição entre “me salvar” e “(quero) me afogar”. É isto que faz Valdemir resistir a este sentido que escapa do que diz Maria, iluminando a restrição da historicidade do dizer sobre o processo criativo e o modo como ela afeta o *scriptor*. Há uma pressão semântica que exige um contorno, um desvio, um ajuste, uma pequena pincelada no verso que estão tentando escrever para que não se produza, imaginariamente, esta quebra na unidade do poema.

A partir disto, o processo co-enunciativo, e seu caráter bivo-cal, estabelecido nestes processos de escritura em ato, continua indicando as pistas percorridas para se chegar aos versos “se o mar vem me salvar / eu posso até me afogar” escritos, finalmente, no manuscrito escolar. Estas pistas revelam sujeitos não-coincidentes entre si, nem consigo mesmo, ou, usando as palavras de Authier-Revuz (1998, p. 22), indiciam a “não-coincidência interlocutiva” em que sujeitos e sentidos não se simetizam, como mostrei no turno 2 em que o enunciado “eu acho que vou me afogar”, proposto por Valdemir, tenta rasurar oralmente o enunciado proferido por Maria no turno 1, atenuando o sentido do verso “eu quero me afogar”.

Entre Valdemir e Maria os imaginários se entrecrocaram. No turno 3, Maria resiste, discordando de Valdemir, ao dizer “- ‘eu acho’ não!”. A retomada e negação da forma “eu acho” carrega o estranhamento do verso “eu acho que vou me afogar”. Esta negação, e a reflexividade que a acompanha, repete a palavra do outro para dela se diferir. Nesta forma autonímica do dizer de Maria há, elipticamente⁴ e abreviadamente, um funcionamento meta-enunciativo formado pela dupla voz que concorre na constituição do verso, e, mais amplamente, de todo o poema. Para explicitar este funcionamento desenlaço a abreviação que a autonomia de Maria sintetizaria: “[eu acho que vou me afogar]. ‘Eu acho’ não. ‘Acho’ é uma palavra (‘coisa’) feia. O verso ficaria melhor assim: ‘eu quero me afogar’. Ela, evidentemente, não fez este comentário em que há uma precisa reflexão metalingüística, usando termos como “palavra” e “verso”. Não obstante, sua recusa, a marca entoacional e a divergência semântica que acompanha a autonomia anunciam a explicitação que acontecerá mais adiante.

É por esta razão que próximo a autonomia que estes alunos produzem das formas meta-enunciativas que Authier-Revuz clas-

⁴ A este respeito, ver também o trabalho de Figueira (2003).

sifica como “reações em eco” (Authier-Revuz, 1995, p.153), porém não em relação ao próprio dizer, mas ao dizer do outro, aqui funcionando em um processo co-enunciativo: “[X], X-não, Y”. A forma de “reação em eco” produzida no dialogismo interlocutivo em que dois alunos escrevem um mesmo texto mostra a não-coincidência do não-Um “no nível do sentido, entre o que um ‘quer dizer’ ao dizer X e o que o outro compreende ao receber X” (Authier-Revuz, 1995, p. 198-199). O problema não está exatamente nos sentidos dos termos “acho”, “vou” ou “quero”, mas na articulação com os outros signos da cadeia sintagmática, exigindo de Maria um ajustamento semântico no verso proposto.

Importa marcar, nesta configuração enunciativa, a dimensão da diferença que atravessa o dizer e o jogo interlocutivo, visando o UM do sentido a ser partilhado e escrito. Assinalo que intervém, na interação, uma opacificação que se manifesta na própria materialidade dos termos, sendo ela uma problemática a ser colocada em causa pelos enunciadores. Neste caso, a não-coincidência se manifesta tanto sob a forma do conflito discursivo entre os interlocutores, quanto da subordinação do dizer de um ao dizer do outro, através de sucessivas substituições, às quais alteram a transparência do dizer.

É neste caminho que se pode ver o verso proposto por Valdemir sofrer duas transformações antes de obter sua forma final, escrita no manuscrito. As substituições sucessivas são:

- eu quero me afogar (fragmento 2 – turno 1)
- eu acho que vou me afogar (fragmento 2 – turno 2)
- eu posso até me afogar (fragmento 2 – turno 10)

Estas substituições são conduzidas através de mútuos estranhamentos e autonímias diversas. A primeira substituição e a autonomia marcam um estranhamento identificado no enunciado “‘eu acho’ não!” (Maria - turno 3). Esta autonímia é sucedida pela modalização “- ‘eu acho’... ‘acho’... *fica feio*...” (Maria - turno 7), no qual a aluna comenta o uso do sintagma verbal “eu acho”, ou seja, ela faz uma apreciação desfavorável à sua entrada no poema.

Por que “quero” poderia ser escrito e “acho que vou” não? Por que Valdemir faz o caminho oposto? O que, exatamente, se constitui como unidade de sentido para as posições subjetivas que ocupam? Questões irrespondíveis, mas que planam ao redor destas vozes e deste manuscrito.

Valdemir, ao enunciar “- *E afo... ‘afogar’ como? O cara vai querer porque quer é?*” (turno 4), não coloca em causa uma solicitação

de descrição da ação de “afogar”, mas sim uma tentativa de conter o sentido que emana da articulação entre “quero” e “afogar” no verso “eu quero me afogar”. A pergunta seguinte vai bem precisamente nesta direção, em que ele explicita que “alguém/’o cara’ não pode ‘querer porque quer’ se afogar”.

Seu estranhamento, acompanhado de uma “reação em eco”, promove duas autonímias. Na primeira autonímia, o termo “afogar” é retomado caracterizando uma volta sobre o sentido. Ao perguntar “‘afogar’ como?” há, subjacente a sua enunciação, uma demanda pelo sentido que escapa da relação entre “querer” e “afogar”. Para ele, parece ser necessário definir em que sentido se está usando esta palavra.

A segunda demanda de Valdemir não incide mais sobre “afogar”, mas sim sobre o termo “quero” que retorna e se desdobra através de uma construção quase tautológica provocada, principalmente, por seus atributos semânticos. Sua enunciação “*o cara vai querer porque quer é?*” não coloca em discordância o sentido de “(me) afogar” em sua função de objeto direto, mas o que o precede, como se houvesse uma incongruência entre este e o sintagma “eu quero”. O que Valdemir diz aponta para uma certa literalidade deste verso, minimizando seu efeito metafórico (entendido aqui como figura de linguagem) e, ao mesmo tempo, atribuindo ao “eu” poemático uma intencionalidade incompatível com o sentido de “morrer”, camuflado em “afogar”. Seu retorno sobre “quero” tenta conter a emanação destes sentidos, comentando justamente a extensão de “quero/querer” ao apresentar em sua predicação a impossibilidade de alguém “querer se afogar”.

Nestas autonímias, as formas meta-enunciativas em que se tem o uso dos signos “afogar” e “quero” identificam-se àquilo que Fenoglio (2002) mostra na retificação de um lapso que “relewa de uma auto-representação da enunciação se fazendo e aí encontra-se - explícita ou implicitamente - uma autonomização do lapso” (op. cit., p. 58). Não se pode dizer que nestas reformulações feitas por Valdemir e Maria há lapso, mas as autonímias guardam, implicitamente, o efeito de glosas que, se exteriorizadas artificialmente, podem revelar sua dimensão modalizadora. Dito de outro modo, Valdemir não diz “você quer dizer ‘afogar’ em que sentido?”, nem “você falou ‘eu quero me afogar’, mas a palavra ‘quero’ me parece muito forte”, muito menos, “o verso ‘eu quero me afogar’, para mim, é incoerente”. Quem explicita as glosas, neste caso, é o pesquisador, mas o estranhamento de Valdemir, sua entonação e o contexto lingüístico em que elas operam autorizariam a considerar

que estas estruturas morfossintáticas estão virtualmente presentes em sua enunciação.

É por estes caminhos que, no turno 10, Valdemir enuncia o verso definitivo e último deste poema: “- eu posso até me afogar”. Neste verso encontra-se, nos termos “posso” e “até”, uma dupla atenuação do forte sentido que emana de “afogar” e sua relação com “mar”, “salvar” e “eu quero”. Apesar de Valdemir imaginariamente assegurar uma unidade para este verso, sua fixação confirma não só a quebra com o paralelismo morfossintático que os versos anteriores preservavam (“eu tenho onde morar” e “eu tenho onde voar”), mas também uma certa ruptura com a direção do poema, uma vez que “afogar” carrega um valor negativo, que se diferencia dos valores que “morar” e “voar” aí adquirem, além de manter uma relação de oposição semântica com o termo “salvar”, responsável pela rima com o verso que o antecede.

Esta modificação feita por ele continua sendo recusada por Maria (turno 11), agora dizendo “- ‘Posso’... ‘posso’... coisa feia!”. Esta autonomia e sua modalização, assim como a anterior que ela havia enunciado, traz em si um comentário reflexivo, como se ela estivesse querendo dizer: “X, X, que palavra feia” ou “X, X, não é uma boa palavra” ou ainda “eu não gosto da palavra ‘posso’. Eu não entendo como você pode escrevê-la neste verso”.

Se sua primeira autonomia e seqüente modalização (“- ‘eu acho’... ‘acho’... fica feio”) subordina a expressão “acho que vou” (Valdemir, turno 2), a segunda (“- ‘Posso’... ‘posso’... coisa feia!”) é desconsiderada e não interfere na criação do verso final, único registro preservado no manuscrito escolar. A visibilidade que a análise dá ao manuscrito oral e a memória da escritura ajuda a iluminar parte da relação entre sujeito, língua e sentido que o manuscrito escolar obnubila.

4 Conclusão

Neste processo de escritura em ato coloca-se em cena possibilidades de outros dizeres, de outras formas de dizer através de um movimento retroativo do *scriptor* sobre a própria linguagem, sobre o próprio dizer ou, ainda, sobre o dizer de seu interlocutor. A rasura, tanto oral quanto escrita, indicia que o sujeito, em algum momento do processo de escritura, interrompeu o percurso para voltar-se sobre aquilo que foi dito ou escrito, para anular, substituir, deslocar, acrescentar, dizer de outro modo algo que já havia falado ou escrito.

É a partir do dialogismo interlocutivo imediato entre Valdemir e Maria que pude analisar as rasuras orais e seu estatuto no seio do processo de criação de um poema. No plano metodológico, a análise repousa sobre a comparação entre as rasuras orais ocorridas até o momento em que escrevem o texto final. No plano teórico, defendo que estas rasuras orais relevam, na base de seu funcionamento, o fenômeno enunciativo próprio das autônimas e das modalizações autônimas, cujo desvendamento permite iluminar o percurso do processo de criação de um poema em contexto escolar e dos sentidos que entram aí em jogo.

A substituição de um termo por outro, explicitada neste processo, lembra os movimentos próprios dos manuscritos literários analisados pelos pesquisadores da Crítica Genética (Grésillon, 1994) que empreendem suas investigações sobre os processos de criação dos autores de renome. A análise de seus dossiês apresenta uma grande heterogeneidade de rasuras realizadas durante o processo escritural.

Aqui, apesar das poucas rasuras escritas sobre o manuscrito, o que chama a atenção são as rasuras orais e as sucessivas substituições operadas no eixo metafórico com relação aos termos e expressões “quero”, “acho que vou” e “posso até”, bem como às glosas enunciadas por Maria nos turnos 7 e 17, em que se observam o fenômeno da modalização autônima. Estes movimentos no processo escritural, que poderiam ser considerados como formando uma espécie de “manuscrito oral”, apontam para as não-coincidências do dizer, para os modos de subjetivação e para a singularidade dos sujeitos que interagem e escrevem um mesmo texto.

As rasuras orais colocam em evidência os efeitos da própria linguagem sobre estes sujeitos. Poderia dizer que imaginariamente o verso “eu quero me afogar” (fragmento 1 – turno 1), proposto por Maria, traz colorações diversas para Valdemir que se espalham por todo o processo de escritura, contaminando os sentidos aí mobilizados. Quando ele diz “- ‘afogar’ como? O cara vai querer porque quer é?” (fragmento 1, turno 4), há desencontros semânticos em que as palavras, ao voltarem-se sobre si mesmas, exploram suas faltas.

Ainda que não haja uma explicitação mais complexa nos dizeres destes alunos, ao comentarem os sentidos dos versos criados, ficando suas glosas restritas a termos genéricos e pouco precisos como, por exemplo, “coisa” (“- posso, posso... coisa feia.”), as autônimas mostram a dinâmica do processo de escritura em ato a duas vozes. As resistências que se produziram revelam a face imaginária do sentido em que se busca o Um do texto, em que se impõem

formas mais estabilizadas do dizer. É deste lugar que se fala em "negociação" de sentidos no processo de escritura a duas vozes (Plane, 2001), mas, como tentei mostrar, esta negociação esconde uma dupla impossibilidade constitutiva de todo dizer, a saber, impossibilidade do sujeito coincidir consigo mesmo e com seu próprio dizer.

Poderia apontar ainda, neste processo, a forte presença do Imaginário, exercendo uma força de coesão, buscando assegurar o Um, a unidade, re-encaminhando a escrita para fazer novo sentido em outro lugar. Este imaginário de uma co-enunciação, uma enunciação bivocal por mais calculada e intencional que ela possa ser, é fundamentalmente marcada pelo não-um, em que se inscrevem dois sujeitos radicalmente não-simetrizáveis.

Referências

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline "Heterogeneidade(s) enunciativa(s)" *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19, p. 25-42, Campinas: IEL, 1984.
- . *Ces mots qui ne vont pas de soi. Boucles réflexives et non coïncidences du dire*, Paris: Larousse (coll. Sciences du langage), 1995.
- . *As palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.
- . *Parles des mots: le fait autonymique en discours*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2003.
- BAKHTIN, Mikail. *La poétique de Dostoievski*. Seuil, 1963.
- CALIL, Eduardo Processus de création et ratures: analyses d'un processus d'écriture dans un texte rédigé par deux écoliers. *Langages & Société*, 103: Écriture en acte, p. 31-55, 2003.
- FELIPETO, Sonia Cristina Simões. *Rasuras entre o oral e o escrito: o equívoco nas alterações*. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística da Universidade Federal de Alagoas.
- FENOGLIO, Irène. *L'autonymie dans les rectifications de lapsus*. Le fait autonymique: Presses de l'Université de Paris III, 2002.
- FIGUEIRA, Rosa Attié. La propriété réflexive du langage: quelques manifestations du fait autonymique dans l'acquisition du langage. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline et al. (eds.). *Parles des mots: le fait autonymique en discours*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2003, p. 193-204.
- GRÉSILLON, Almuth. *Éléments de critique génétique: lire les manuscrits modernes*. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1994.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1966.

PÊCHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PLANE, Sylvie. Problème de définition et négociations sémantiques dans la rédaction à deux d'un texte argumentatif. In: BOUCHARD, R., GAULMYN, M.-M. de; RABATEL, A. (éds.). *Le processus rédactionnel: écrire à plusieurs voix*. L'Harmattan, Paris, 2001. p. 129-146.